

O evasivo do inconsciente e a certeza do *parlêtre*

Marc STRAUSS

Cara Dominique,

O tempo é realmente o que me falta, o que faz com que seja difícil lhe escrever, como você me pediu, uma preliminar sobre o assunto. Não que eu tenha a pretensão de achar que sou mais ocupado do que outros, do que você, por exemplo, que está encarregada da preparação desse Encontro tão importante para o futuro de nossos Fóruns e Escola. Mas quando eu digo que me falta tempo, é que ele me escapa e que eu não consigo pegá-lo de volta. Portanto, como, a fortiori, escrever algo sobre ele?

Será que eu o perdi? Talvez eu o tenha tido por algum tempo e o tenha deixado escapar, para o meu horror, sem me dar conta, ou sem medir o seu valor, senão eu teria prestado bem mais atenção... Ah, juventude louca, cantava François Villon! Mas feliz juventude também, em que a urgência não era a mesma. Na época, eu tinha pressa de acumular o máximo de experiências, ao passo que hoje, é pouco o tempo que resta e que me apressa; e todo o tempo, que eu já não tenho, que me oprime...

Mas, francamente, será que algum dia eu tive esse tempo? Quando eu era jovem, não me parecia sensato deter-me sobre o fato do qual eu já tinha perdido o bonde uma primeira vez. Tanto que esse bonde podia ressurgir a qualquer instante e por nada no mundo eu queria perdê-lo de novo. Mesmo que fosse somente por conta dessa terrível primeira vez, da qual eu tinha muita dificuldade para me lembrar, mas que sabia que não queria, sobretudo, vê-la outra vez.

Ainda assim, o que fiz eu para que as coisas tenham acontecido dessa maneira? Falhei ou não? Mesmo se hoje é evidente, que eu não consegui agarrar esse instante que passava, não foi por falta de vontade, mas por ignorância, o que teria levado à outra falha imperdoável. Sobre isso Freud, que percorria incansavelmente os sutis meandros dos romances familiares que se ofereciam a sua escuta.

Lacan: Tudo isso não nos leva muito longe. Não mais longe do que alimentar mais e mais o tema da falta com seu simulacro de processo no

qual se agitam juízes e advogados às ordens de um diretor de cena ("metteur en scène") que se atribui o papel do réu, então dito inocente, e de para seu maior conforto, por acréscimo, mantido fora do jogo, à espera de um veredicto sempre prorrogado. Se existe uma tese que vale, é a da falta. Uma falta de estrutura, portanto, de gramática primeiro.

É que a questão do "O que eu faço?" só pode ser questionada de fato a partir de "O que eu fiz?", na qual o eu que questiona já não é mais aquele que fez, senão na lembrança. E aquele que me responde não é mais aquele que fez, mas aquele que se lembra mais ou menos, e ainda por cima, sabe o que quer obter – ou evitar - daquele que o interroga. Onde estava eu, então, quando eu fazia ? E onde estou agora ?

Notemos, sem nos demorarmos muito, que tudo isso vale também para o "O que eu disse?", já que dizer é também fazer alguma coisa.

Assim, o tempo me divide, ou melhor, o tempo e a minha divisão são uma única e mesma coisa. Podemos dizer com Lacan que estou dividido entre uma ausência pura e uma sensibilidade pura e que o nome dessa divisão é o tempo. O que sou então? Além, é claro, do que o outro me diz que eu fui, e que não é isso...

Lacan formulou uma resposta a partir de sua reflexão sobre o tempo, do qual ele mostrou a estruturação lógica. Mas aqui não se trata da de 1945, desenvolvida em seu bem conhecido texto "O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada", onde o sujeito encontra sua resposta ainda no outro, ainda que com a carga da pressa, e das suspensões que ela impõe. Trata-se daquela que ele reformula no dia 29 de janeiro de 1964, na terceira lição de seu seminário Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise, no qual ele chega à: "cingir uma estrutura temporal, da qual podemos dizer que ela nunca foi, até agora, articulada como tal."

Mais ou menos vinte anos depois, ele retoma, então a questão, de uma maneira que, não por acaso, ele assinala inédita. Lemos: "A aparição desvanecente se dá entre dois pontos, o inicial e o terminal, desse tempo lógico – entre esse instante de ver, no qual alguma coisa é sempre elidida, até mesmo perdida, da própria intuição e esse momento elusivo no qual, precisamente, a apreensão do inconsciente não conclui, no qual sempre diz respeito a uma recuperação enganosa." E ele conclui: "Onticamente, então, o inconsciente, é o evasivo."

Do instante de ver a cor simplesmente preta ou branca do disco dos outros dois prisioneiros ao instante de ver o que é elidido, algo sempre já

perdido; do tempo para compreender a aparição desvanecente; da pressa de concluir ao momento elusivo que não conclui: a diferença é grande, convenhamos, minha cara Dominique.

E quais são as conseqüências sobre a concepção do sujeito, do sintoma, da condução da cura, até a sua conclusão, você provavelmente me perguntará. Mas, como se trata aqui apenas de uma preliminar, eu te lembro, eu me contentarei de lembrar que o ênfase colocada sobre o evasivo do inconsciente por Lacan, o levou bem longe, à novas elaborações sobre o real do objeto em jogo na psicanálise, já que lhe era necessário, então, fundamentar a certeza do sujeito sobre outra coisa além da cadeia da mensagem do Outro. O que me permite te propor um título para esse bilhetinho, se você quiser um: "O evasivo do inconsciente e a certeza do *parlêtre*."

Se essas poucas observações confortam sua vontade de ir mais longe sobre essa questão tão singular do tempo na psicanálise, nós poderemos fazê-lo daqui a pouco juntos, em São Paulo. E na espera, eu nos desejo ainda interessantes trabalhos preliminares...

Marc

Tradução: Elisa Fingermann